



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.^o
Lisboa—PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa • Telefone 5339 C.

Oficinas de impressão—Rua da Alfaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A pátria está em perigo!

A pátria está em perigo! exclama-se das fileiras burguesas. A pátria? Que significa a pátria para o comerciante, o industrial, o lavrador, o político? Eis o que nós devemos saber primeiramente para entrarmos com segurança no assunto. Para o comerciante, industrial e o lavrador a pátria é tudo quanto possa render bons contos de réis com que virá a farta, regaladamente; para o político, a pátria é o Estado, o Estado que lhe garanta os bifes almoço, o automóvel, o lauto banho, o charuto e muitas coisas mais...

Quando o político, o comerciante, o lavrador e o industrial põem as mãos na cabeça e gritam: «A pátria está em perigo», é sabido que os rendimentos, a fortuna, a bela ociosidade estão ameaçados. Nunca, como no momento presente, clamaram as forças vivas com tanta violência. O Estado está à beira da falência. A falência do Estado implica um abalo tremendo na vida económica do país, que há de atingir os grandes detentores do capital. Principalmente aqueles que teem mamãos das mil e uma tetas do Estado burguês, estão pouco dispostos a ver a sua gordura ameaçada. Não sabem o que é diminuir um prato a jantar. O Estado está prestes a deixar de fornecer fortunas a domicílio, e sentem-se mal, muito mal, coitados!

Mas vamos lá a saber quem é o culpado da falência do Estado. Foram os operários que meteram mão nos orçamentos? Foi o povo trabalhador e fumanto que levou a desmoralização ao ponto de se criarem repartições onde nada há que fazer? Fomos nós que arrastámos o país à guerra, que aumentou a cifra das nossas dívidas dum maneira espantosa? Foram os trabalhadores que aumentaram a guarda republicana e o exército e a polícia de todas as cores e férios, gastando com a força pública mais do que a Fazenda rende? Quem fez esse jôgo ignobil, baixo, repugnante em volta dos navios ex-alemaes, deixando-nos sem transportes? Quem deixou de cultivar a terra, para fazer altear o preço dos produtos agrícolas? Quem tem deixado ao abandono as riquezas do solo, como a mina de Santa Suzana, por exemplo, que nos poderia fornecer uma boa quantidade de carvão mineral? Quem deixa correr para o mar, diariamente, milhares e milhares de escudos em calha branca, que poderia iluminar o país inteiro e aplicar-se nas mais diversas e rendosas indústrias? Quem tem mal administrado as colónias?

Os governos, os comerciantes, industriais e os lavradores são únicos culpados da miséria a que o país chegou. Alguém lhes dirá, talvez num futuro próximo, explicações dos seus crimes eindos, das imoralidades cometidas, das injustiças imensas que têm sido praticadas nestes últimos tempos. Gastaram, esbanjaram, exploraram, roubararam, sugararam tudo! Someram, beberam e pandegam. Continuam a comer, a gastar e a explorar a miséria do povo madagágora choram porque a ruina aproxima.

O Estado foi fazendo dívidas sobre dívidas. Pediu a nacionais estrangeiros. Quando se tratava de pagar não havia dinheiro: davam-se novas dívidas. O Estado não tinha receitas que passasse o que se devia. Comegou-se a aplicar a receita no pagamento dos juros. Mas como as dívidas iam aumentando sempre, juros tornaram-se tam pesados que não há receitas que o pague.

Só a manutenção da «ordem pública» gasta tudo quanto o Estado recebe. Tanto para a guarda, quanto para o exército, tanto para a polícia e ficam algumas migalhas que se roem nos cantos escuros dos ministérios. Pensaram alguma vez os que frentes das instituições se encontravam em diminuir as despesas?

Não. Pensaram apenas em aumentar as receitas, sobrecarregando o povo de impostos (que fazem fome, mas não aumentam a riqueza) para continuar comendo, para comprar automóveis, que gastam e não dão lucro, que atropelam, som a menos tocar a buzina.

Chegou-se pois à beira da falência. Mais um passo... e catrapuz. Quem poderia salvar o Estado burguês? A burguesia. Era lógico, era natural.

Mas o burguês não vê dois palmos para além do cofre forte, não se resolve a auxiliar o Estado. O burguês nem sequer pensa que tem interesse em salvar o regime que o defende. O burguês toma o Estado por uma causa que é preceito roubar. Roubar o Estado, eis a ambição do comerciante, do lavrador, do industrial e do próprio político.

Está, pois, o Estado perto da bancarrota e o burguês recusa-se a pagar os impostos que podem adiar a falência para mais tarde.

O Estado está prestes a não dar lucro nem a políticos, porque o burguês não quer pagar, nem às forças vivas que já não encontram no Estado dinheiro para roubar. Daí exclamarem as forças vivas: «A pátria está em perigo! Daí responderem os políticos: «a pátria está em perigo!»

E o povo, despojado pelo Estado, pelo comércio, indústria e lavoura, assiste impassível ao que se passa.

Entretanto um político hábil apresenta umas propostas de finanças: Vem salvar a pátria! Mas salvá-la como? Tributando o comerciante, o industrial, o lavrador e povo trabalhador. As forças vivas protestam, não querem pagar. As forças vivas são também estúpidas que não vêem que quem paga os impostos que o Estado lhes cobra é o povo. É possível que venham a aceitar sem protesto as propostas de finanças, quando a razão tardia chegar.

O povo que não gastou, o povo que vive na miséria, pagará nos gêneros o imposto do comerciante, nos produtos agrícolas o imposto do lavrador, nos artigos manufacturados o do industrial. E depois de pagar os três impostos acrescidos de juros que ficam nas mãos das forças vivas, pagará ainda o tributo que incide directamente sobre o seu trabalho. E finalmente salva a pátria.

Varemos só o povo será tam parvo que ainda se deixe intrair mais uma vez. Varemos...

C. G. T.

Reuniu ontem o Conselho Confederal

Conforme o aviso inserto na Batalha, de ontem, reuniu a noite passada o Conselho Confederal, com grande assistência de delegados tendo discutido assuntos de muita importância, quer sob o ponto de vista operário, quer social, não nos permitindo o adiantado da hora dar hoje o extracto da reunião, o que faremos amanhã.

Uma exposição aos confederados

A Batalha, no seu número de amanhã, que será de 4 páginas, publicará uma exposição que a C. G. T. dirige aos operários confederados, apresentada pelo Comité Confederal e que o Conselho aprovou, na reunião de ontem, exposição que trata desenvolvidamente da ação desenvolvida pela C. G. T. ante a greve dos ferroviários do Estado, cuja leitura A Batalha recomenda a todos os operários organizados.

Na Alemanha

On aumento de salário ou greve

BERLIM, 14.—A direcção dos ferroviários alemães encarregou os seus delegados de prosseguirem as negociações sobre o aumento de salários e de se porem em relações com todas as outras associações de funcionários, no caso de faliarem as negociações, afim de proclamarem a greve geral em tempo oportuno.—Rádio.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Propos subversifs

Sobre este título geral preparou Sébastien Faure uma série de doze conferências, a maior das quais se realizaram já em Paris, numa sala cedida pelas Sociétés Savantes. Para desespérado das autoridades, estas conferências decorriam serenas, e a assistência, geralmente numerosa, mantinha uma atitude absolutamente correcta e sossegada.

Tamanha ofensa aos seus principios não na pôde suportar a autoridade. A polícia apara que servia ela se não se produziam desordens, nem mesmo em reuniões para apresentação de propos subversifs? Vai daí, um grupo de massarros policiais invadiu um destes dias a sala das Sociétés Savantes onde uma das conferências se efectuava, sujeitando ao tema «A podridão parlamentar». Tam desesperada zangaria lá se matulagem da ordem, quer no decurso da conferência, quer na rua, depois de ter terminado a reunião, que as Sociétés Savantes recusaram a sala para a conclusão das conferências da série. Isto não impede que ela venha completar-se noutra parte, na casa da Grange-aux-Belles, onde também a C. G. T. se instala. Mas é de ver como esta quadrilha policial em tóda a parte é mesma, na orientação e nos processos.

Magalas

Foram já licenciadas muitas das práticas que serviram nos caminhos de ferro por ocasião das greves recentemente dadas. Foi-lhes ordenado que, na ocasião do licenciamiento, se apresentassem à paisana, restituindo o fardamento que não tiveram tempo de pagar no curto espaço em que serviram.

Bem esteve a causa para os que possuíam uns farapos, delidos para se cobrir. Casacos a desfazer-se, calcas a cair aos bocados, uma tal pobreza idiomática que dir-se-ia, ao vê-los preparados daquela maneira, estar-se em presença de vadios, dos mais andrajosos. Estas causas passaram-se em Portugal. Poderia algum ilustre jornalista julgar que era na Rússia.

Em maré de franquesa

E' do sr. Brito Camacho o seguinte trecho:

Não se exagera quando se diz que os cofres públicos tem estado a saque, e para se ver qu' assim é, bastará atentar na criação de serviços que se tem feito, sem justificação cabal, e no exame de parasitas que desfrutam a colmeia do tesouro, comendo o escasso mel que fabricam as abelhas que trabalham.

Qual história! Ninguém é autônomo dentro do sindicato. A tendência é sempre para subordinar o interesse individual ao interesse colectivo. Bem entendido: este colectivo não significa consciência de maioria, pois nos sindicatos é sempre uma minoria activa que combate e delibera não só em nome da massa agremiada, mas da classe inteira.

Autonomia? Quando da greve de Janeiro de 1912, eu rejeitei a sua declaração. O meu sindicato votou-a e eu aceitei essa decisão, incumbindo-me até a missão de representar os grevistas numa diligência a Évora. Abduzí! Cumprí o meu dever. No sindicato eu tenho apenas a liberdade de manifestar o meu voto e defendê-lo. Nada mais. Quais então as normas que prevalecem nos actos e na direcção do movimento sindical? O direito que assiste às minorias conscientes e activas de deliberarem e conduzirem a ação.

Nós não temos que preocupar-nos com o indiferentismo político da massa inconsciente; não nos importa que ela seja ou não doutrinariamente socialista.

O que nos importa é verificar o estado deplorável das suas condições de vida, sentir com essa massa o mesmo desejo de liberdade e estudar os meios prácticos de realizá-la tanto depressa quanto possível. Se não puder ser tudo, que seja alguma coisa, porque o pouco alcançado hoje estimula para o muito de amanhã.

NOTA.—No nosso artigo de ontem houve uma gaffe que não passou despercebida ao leitor, naturalmente.

Fazendo referência a afirmações do

energético e culto sindicalista catalão Sal

gado Segui, não as transcrevemos, como nos cumpria.

Eis as aludidas afirmações, insertas em A Batalha de 29 de Outubro de 1920:

... pensamos que a revolução há de ser

... revolução que não passou des-

percebida ao leitor, naturalmente.

Finalmente, do comando geral telefonaram para o governo civil.

Leopoldo Calapez foi preso no

domingo, tendo dado entrada na carcer

de Quintinha para Campolide, Ali se

apresentou Calapez ao oficial de serviço.

Este nada respondeu: nem sequer

que se encontra no calabouço n.º 2.

E' curioso saber se que estes passa-

duraram seis horas, pois Calapez saiu

do Terreiro do Paço às 12 e entrou no

governo civil às 18 horas.

Que dizem a isto? Querem-nos mais

completos?

E' claro que o ferroviário Leopoldo

Calapez, que cometeu o grande crí-

me, de ser grevista, foi capturado depois

de terminado o movimento da sua clas-

se, a despeito de se não exercerem re-

presálias...

A Comissão.

AMANHÃ:

Artigo de Hamon

As XXI condições de Moscovia

O seu autocracismo

DEBATE DE OPINIÕES

AS NOSSAS MENTIRAS

Faz-se um jôgo falso de palavras : que não auxilia a propaganda

Não são só os políticos de ofício que mentem. Também nós mentimos. E estamos impondo cada uma ao respeito público...

A propaganda dos revolucionários é estruturalmente mentirosa. Isto é duro, é violento, mas é assim mesmo.

Mas é causa fácil carregar a máquina, porque cá, neste campo político onde militamos, só se mente por excesso de fé, por inseparabilidade de visão, e, algumas vezes, porque parece mal dizermos o contrário do que já dissemos. O sindicalismo é a filosofia da ação. Eu observo os factos e tiro das conclusões.

Não sou dogmático. Corrijo constantemente os meus raciocínios. De resto, todos nós desejamos a verdade, tanto quanto podemos.

Vejamos:

Primeira mentira—O sindicato é inerte perante as tendências políticas dos seus elementos componentes.

Não é certo. Essa indiferença por todas as tendências políticas foi o varapau de que nos servimos para tangere o rebanho do Panurgio e conduzi-lo à sindicato. O sindicato que deseja aprovar-se dos meios de produção para assegurar a emancipação económica e moral dos trabalhadores, é necessariamente socialista em matéria política e não inerte perante todas as tendências políticas.

A segunda mentira—Os indivíduos são autónomos dentro do sindicato, como os sindicatos nas federações, etc.

Qual história! Ninguém é autônomo dentro do sindicato. A tendência é sempre para subordinar o interesse individual ao interesse colectivo. Bem entendido: este colectivo não significa consciência de maioria, pois nos sindicatos é sempre uma minoria activa que combate e delibera não só em nome da massa agremiada, mas da classe inteira.

A terceira mentira—O sindicato é fundamental para a revolução social desencadeada actualmente.

A propósito: havia-nos prometido Emílio Costa um estudo sobre A revolução sem ditadura. Muito empenho tinha eu em tomar conhecimento com milagre. Porque revolução sem ditadura é cousa nova na história de todos os tempos.

Que excelente ocasião para Emílio Costa provar a solidão dos seus argumentos!

J. Carlos RATES.

NOTA.—No nosso artigo de ontem houve uma gaffe que não passou despercebida ao leitor, naturalmente.

Fazendo referência a afirmações do energético e culto sindicalista catalão Salgado Segui, não as transcrevemos, como nos cumpria.

Eis as aludidas afirmações, insertas em A Batalha de 29 de Outubro de 1920:

... pensamos que a revolução há de ser

... revolução que não passou des-

percebida ao leitor, naturalmente.

A dita revolução é de natureza a nacionalizar das minas e todo o que constitui este movimento, a base real de todas as reivindicações das minas que havia precedido este movimento, porque é bem a nacionalização das minas que constituem estes últimos anos, a base real de todas as reivindicações das minas que havia precedido este movimento, porque é bem a nacionalização das minas que havia precedido este movimento, porque é

EM LONDRES

O Congresso extraordinário

DA

Federação Sindical Internacional

16 países

24.616.000 operários representados

83 delegados

(Concluído)

O fim do Congresso

Com a análise da questão do Ruhr exgotou-se a ordem do dia do Congresso. Produz-se rapidamente uma troca de opiniões.

Jaszai, (Hungria) fala da situação do seu país egradece à International a acto de solidariedade manifestada por ela no boicote dirigido contra o terror branco.

Thomas dirige-se aos delegados, felicitando-os pelo trabalho realizado.

Quando penso que esta Congresso se efectuou tão pouco tempo depois da guerra, posso dizer que ele mostra o vontade comuns dos trabalhadores de esquecer o mal de pressa possível os passados ódios.

A arte e os artistas**As aquarelas de Alberto Sousa**

Pintar não é únicamente empunhar paixões e paleta, e traçar arabescos lindos sobre a tela e o cartão. O artista que assim interpreta a pintura não sabe qual é a sua verdadeira missão; pinta, como anda, come-deforme — por instinto. Na época que vamos atravessando tem o instinto puro e simples um papel resplandecente. A educação refeiou o instinto, o cálculo tende a substituir o impulso. O homem vai-se tornando mais reflectido. Pesa, antes de se abalançar à ação, todos os prós e contras; medita os gestos, dá-lhes uma direcção premeditada para que todas as probabilidade de alcançar um determinado fim estejam ao seu lado. A filosofia e a ciência em constante aperfeiçoamento facilitam o pensamento humano. Um homem impulsivo, incerto é alvo de chacota; o que ri, chora ou canta, sem motivo, é tomado por doido. Hoje, viver tem um fim, um motivo; como uma conta de multiplicar tem uma aplicação. Não se faz uma conta sem um motivo nem destino. Tudo tem a sua causa e consequente efeito. O pintor, o verdadeiro pintor, pinta porque tem necessidade de pintar, porque é esse o seu melhor prazer. Mas como o homem moderno não deve ser apenas uma pilha de nervos vibrando sem utilidade, o pintor deve obedecer a um preceito de moral, como qualquer indivíduo que faz parte da grande sociedade humana. O pintor deve tanto quanto possível tornar a sua arte útil à comunidade.

Estabelece-se assim na arte o primeiro, o rudimentar princípio de moral. Ser útil é começar a ser bom. Entre um belo quadro, simplesmente belo, e um belo quadro útil, não temos hesitações, escolhemos o que é útil.

Não queremos dizer com isto que, nas obras artísticas, ponhamos de parte a beleza e reclamemos apenas a utilidade. A primeira condição, ou melhor, a primeira obrigação do artista é criar beleza. A utilidade já não se reclama verdadeiramente do artista, reclama-se do homem, porque a obrigação de cada um é ser útil ao maior número. O indivíduo que, sendo artista, sentindo o que há de belo na natureza, cria beleza nas suas obras, deve ao mesmo tempo, como homem, dar os mais altos exemplos de moral aos outros homens. A moral já encerra em si algo de belo; a arte, porém, é que nem sempre é moral. Uma obra de arte que contém moral e beleza, que emociona e aconselha, que entusiasma e instrui é uma obra completa...

Ora, o culpado destas considerações, lançadas quaisquer estes sobre o papel, foi o sr. Alberto Sousa. As suas aquarelas fizeram-nos pensar. É raro encontrar-se em Portugal um artista que obrigue o povo a raciocinar.

O sr. Alberto Sousa, já a época passada aqui o dissemos, é um aquare-

Uma carta de Zinovief

Com a data de 23 de Outubro ultimo fez Zinovief publicar uma "carta aos franceses", cujos trechos principais abaixo publicamos. Ela explica o azedume das alusões feitas no Congresso de Londres à terceira International e aos seus mentores.

"Os operários avançados da América e da Europa compreenderam já que a salvação para as massas oprimidas está na ditadura do proletariado e não já muito conhecida 'democracia'. Em resumo: os princípios fundamentais da III International preponderam já no espírito dos operários avançados do Universo. Os oportunistas estão no seu papel quando se adaptam a todas as situações. Actualmente esses senhores vêm-se obrigados a mostrar-se partidários da III International. Não podem dizer francamente aos operários que lhes repugna a ideia da ditadura do proletariado, que não querem ajudar a revolução mundial, que são contra qualquer auxílio à República dos Soviês. Já não podem lançar ao operariado essas frases banais, e mil vezes repetidas sobre o sufrágio universal, sobre a República democrática, sobre o trabalho gradual de reformas a passo lento e simusso. Os senhores oportunistas sabem bem que se empreendessem actualmente a discussão franca das nossas ideias, se dissesssem aos operários toda a verdade sobre as suas opiniões burguesas ou semi-burguesas, os trabalhadores abandonar-lhos hiam imediatamente.

Depois destas palavras o Congresso encerrado, enquanto os delegados cantam a International.

Hueber (Austria) lembra a solidariedade efectuada dada ao povo austriaco, num momento de desesperada aliança, pela F. S. I.

Fimmen, secretário internacional, depois de pedir ao Congresso que manifeste o seu reconhecimento aos camaradas ingleses que o organizaram e ao pessoal que assegurou os serviços materiais complicados, declara:

"Este Congresso mostrou um espírito explêndido de unidade e de solidariedade. Prova que a verdadeira Sociedade das Nações é o operariado organizado internacionalmente.

Depois destas palavras o Congresso encerrado, enquanto os delegados cantam a International.

As 21 condições são elaboradas de maneira a diferenciar a trigo do joio, a

permanecer no movimento operário; elas absolutamente necessário conservar relações com os partidos do trabalho, a fim de poder exercer dentro deles a sua influência.....

"Na Alemanha, renegados conhecidos tais como Hillerding, e reformistas aburguesados como Crispin e Dittmann juram por todas as esquinas que simpatizam em princípio com a III International e que sómente insistem sobre a suavização de certas condições. Na América, fazem-se ouvir afirmações semelhantes por parte do oportunitista Mauricio Hillquit que, em realidade, é de corpo e alma com a II International. O mesmo quadro se vê na Itália, e ainda o mesmo se vê actualmente em França.....

"Camaradas franceses! Eis o conselho: é o pedido que vos dirigimos: conduzí-toda a discussão sobre o terreno dos principais, obrigar o adversário a emitir as suas ideias unicamente sobre o que nos interessa neste debate: sobre a ditadura do proletariado, sobre o sistema dos Soviês, sobre a Revolução mundial, sobre os cheires amarelos da International sindicalista, sobre o papel nocivo da aristocracia operária, sobre o saneamento do partido sobre a mudança de carácter de todo o trabalho parlamentar, sobre a criação de células comunistas em todas as organizações operárias, sobre o apoio efectivo, dedicado e não verbal à Rússia dos Soviês, sobre a preparação do armamento dos operários e do desarmamento da burguesia, etc., etc.

"Quem este exemplo repugnante vos sirve de lição. Os camaradas franceses devem fazer claramente esta pergunta: Quem Longuet? Quem Longuet e o seu grupo seguir exemplo de Hillerding, Crispin e de Dittmann? Quem eles fazer claramente esta pergunta?

"Camaradas franceses! Eis o conselho: é o pedido que vos dirigimos: conduzí-

toda a discussão sobre o terreno dos principais, obrigar o adversário a emitir as suas ideias unicamente sobre o que nos interessa neste debate: sobre a ditadura do proletariado, sobre o sistema dos Soviês, sobre a Revolução mundial, sobre os cheires amarelos da International sindicalista, sobre o papel nocivo da aristocracia operária, sobre o saneamento do partido sobre a mudança de carácter de todo o trabalho parlamentar, sobre a criação de células comunistas em todas as organizações operárias, sobre o apoio efectivo, dedicado e não verbal à Rússia dos Soviês, sobre a preparação do armamento dos operários e do desarmamento da burguesia, etc., etc.

"As 21 condições são elaboradas de maneira a diferenciar a trigo do joio, a

fim de forçar os elementos reformistas e semi-reformistas a desmascarar-se. Essas condições foram formuladas a fim de que se proceda à depuração nas fileiras de todos os partidos operários.

"Ouvir dizer que existe um pô de des-

tro radicalmente os percebes e outros insetos. Esperamos que também as 21

condições elaboradas pelo II Congresso

International comunista limpáram radicalmente o nosso edifício dos percebes

e não só n' em aplicá-las finalmente, por fa-

cetas e não só n' em aplicá-las finalmente, por fa-

cas, assim se tomará uma resolução definitiva a

respeito deles."

A International Sindicalista protesta contra a repressão exercida em Espanha

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que cesse a perseguição de seus sindicatos, os trabalhadores, para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

no governo de Espanha para que seja respeitado o direito de organização e de

operários.

O Bureau Internaciona

Sindical pede a V. Ex. que intervenga

<p